

Representação e subversão da imagem da mulher no Século XX: uma leitura política de *Diário do Último Ano* de Florbela Espanca

Vanessa Aparecida Kramer¹

Dayse Martins da Costa²

Imagino-me, em certos momentos, uma princesinha, sobre um terraço, sentada num tapete. Em volta... tanta coisa! Bichos, flores, bonecos... brinquedos. Às vezes a princesinha aborrece-se de brincar e fica, horas e horas, esquecida, a cismar num outro mundo onde houvesse brinquedos maiores, mais belos e mais sólidos.

(Florbela Espanca)

Resumo

Esta pesquisa apresenta como *corpus* de análise a obra *Diário do último ano* (2009) da escritora portuguesa Florbela Espanca. O objetivo dessa proposta pauta-se numa leitura política do diário. Inicialmente, fazemos um levantamento da fortuna crítica de Florbela Espanca. Posteriormente, propomos os três níveis de análise propostos por Fredric Jameson, sendo que o primeiro nível diz respeito a uma leitura que tange a superficialidade do texto, cuja abordagem apresenta a narrativa como *conteúdo manifesto*. Subsequentemente, amplia-se a leitura, promovendo uma análise de caráter social, apontando como os fatores históricos/sociais corroboram para entender a voz política da escritora. Finalmente, o terceiro nível de leitura refere-se à forma enquanto conteúdo, os motivos que levam Florbela a deixar de lado o gênero lírico e debruçar-se ao diário para dizer o que diz.

Palavras-chave: Diário. Jameson. Florbela Espanca. Literatura de resistência.

REPRESENTATION AND SUBVERSION OF THE WOMEN'S IMAGE IN THE XX CENTURY: A POLITICAL READING OF *DIÁRIO DO ÚLTIMO ANO* BY FLORBELA ESPANCA

Abstract

This research presents as its *corpus* the analysis of the book *Diário do último ano* (2009) by the Portuguese writer Florbela Espanca. The objective of this paper is based on a political reading of the diary. Firstly, a study of the critical fortune of Florbela Espanca is made. Furthermore, the three levels of analysis proposed by Jameson are presented, the first one related to the superficiality of the text, whose approach

1 Mestre em Letras, doutoranda em Letras, pela Universidade de São Carlos (UFSCAR). E-mail: vanessakramer@hotmail.com>

2 Mestre em Letras (PPGL/Unientro). E-mail daysemartyns@hotmail.com

presents the narrative as the *manifest content*. Afterwards, the reading is expanded, promoting an analysis of a social nature, pointing how the historical/social factors corroborate in understanding the writer's political voice. Finally, the third level of reading refers to the form as a content, the reasons which lead Florbela to leave the Lyric genre behind and use the diary to express what she intends.

Keywords: Diary. Jameson. Florbela Espanca. Resistance literature

Introdução

Por muito tempo a literatura feminina fora posta às margens, visto que à mulher eram designadas funções domésticas, as quais não condiziam com crescimento e produção intelectual na sociedade como um todo. Dessa forma, contrário ao que acontecia aos escritores, muitas escritoras não tiveram as mesmas oportunidades de divulgação e exposição de seu trabalho. No entanto, muitas vezes, a literatura enfrentou os desafios sociais e buscou representar a voz feminina no mundo como forma de resistência de modo que insurgiram muitas obras literárias que retrataram, como temática, as desigualdades de gênero.

A partir dessa conjuntura, percebemos a necessidade de leituras e pesquisas de literaturas de autoria feminina, de modo a valorizar essas vozes, as quais foram caladas por muito tempo. Dessa forma, o encaminhamento dessa pesquisa seleciona uma obra, cuja escritora portuguesa, rompeu com muitos paradigmas de sua época e consequentemente contribuiu com a produção literária feminina. Primeiramente fazemos um breve levantamento da fortuna crítica de Florbela Espanca e buscamos estabelecer um panorama da fortuna crítica das obras da autora, especificamente, focamos na fortuna de *Diário do último ano*.

Para tanto, utilizamos como norte de pesquisa os conceitos de Jameson (1992) e realizamos a análise em três níveis de leitura, os quais são propostos em *O inconsciente político*. No primeiro nível, lemos o texto como uma escrita de si, em que é narrado por uma voz individual o drama de Bela, uma virgem próxima da morte. No segundo nível, ampliamos nossa leitura para os grandes discursos

da História presentes na narrativa; o estereótipo da mulher na sociedade portuguesa do final do século XIX e início do século XX e, finalmente, no terceiro nível, nos voltamos para a ideologia da forma para entender como Espanca tratou em sua obra de temas acerca do universo feminino como o casamento, a maternidade e a sensualidade por um viés distanciado e transcendente ao seu tempo.

Bela e Seu Diário

Florbela de Alma Conceição Espanca nasceu em 8 de dezembro de 1894 em Vila Viçosa, Alentejo, Portugal. Ela e o irmão, Apeles Espanca, foram frutos de um caso extraconjugal entre João Marya Espanca e Antônia da Conceição Lobo. A vida da escritora é marcada pelos casamentos que teve e pela relação intensa com o irmão mais novo. Florbela casou-se três vezes, primeiro com Alberto Moutinho, depois com um oficial de artilharia, Antonio Guimarães e por último com o médico Mario Lajes. A escritora teve uma vida conturbada, sofreu dois abortos e nunca chegou a ter filhos, mas o evento que mais a marcou foi a morte do irmão em 1927. Após quatro anos da morte de Apeles, Florbela suicidou-se em Matosinhos, Portugal, com o uso de barbitúricos no dia de seu aniversário, dias antes da publicação de *Charneca em Flor* (1931). Como escritora, Florbela teve reconhecimento somente após sua morte.

Grande parte de sua obra pertence ao gênero lírico. Em vida publicou *Livro de Mágoas* (1919), *Livro de Sórora Saudade* (1923) e *Máscaras de destino* (1931). Também teve algumas obras póstumas publicadas, como *Charneca em Flor* (1931), *Juvenília* (1931), *Reliquia* (1934), *O Dominó Preto* (1983) e *Cartas de*

Florbela Espanca (1949). Dessa forma, Florbela escreveu *Diário do último ano* em 1930, um ano antes de sua morte. O texto, neste caso, é a única produção do gênero memorialístico da escritora. O diário em questão é tomado como *corpus* neste trabalho, ao considerarmos a contribuição que a pesquisa tem a oferecer, tanto aos estudos da escrita de si, quanto aos de gênero.

Dessa maneira, primeiramente apontamos um breve levantamento da fortuna crítica de Florbela Espanca, visto que a partir dessas considerações podemos compreender como foi a aceitação das obras de Florbela, tanto em vida, quanto após sua morte. Os apontamentos sobre o que foi dito a respeito da autora são essenciais para o direcionamento da análise, principalmente no que tange ao segundo nível de leitura, proposto neste estudo. O primeiro material que dá subsídio a esse levantamento encontra-se no Espólio Florbela Espanca, cujos arquivos pertencem a Biblioteca Nacional de Portugal. O material utilizado, neste caso, trata-se de documentos digitalizados correspondentes aos anos entre 1915 e 1923. A partir da diversidade de materiais disponíveis neste espólio, percebemos que em vida, Florbela Espanca recebeu inúmeras críticas negativas a respeito de seu trabalho.

Ao publicar *Livro de Soror Saudade*, por exemplo, foi criticada por Nemo, pseudônimo do autor J. Fernando de Souza no jornal *A Época* em 1923. A crítica intitula-se *A nossa estante: uma legião de poetisas*. Nessa crítica, o autor salienta o tom erótico e, conseqüentemente, inapropriado de Florbela. Souza salienta que “é com pesar que afirmo que é um livro mau o seu, um livro desmoralizador” (SOUZA, 1923, p.37). Segundo o autor, o terceto do primeiro poema de Florbela de *Livro de Soror Saudade* é visto como “blasfemo nas hipérboles amorosas, fazendo do amante um ídolo” (SOUZA, 1923, p.37).

Contudo, enquanto vivia, Florbela também recebeu críticas positivas, como a de Gastão de Bettencourt, em 1920, em uma publicação cuja fonte não fora identificada, o crítico afirma que “Florbela é uma poetisa. E é uma poetisa porque sente, porque vive adentro de seus versos” (BETTENCOURT, 1920, p.33). As palavras do crítico são referidas a respeito de *Livro de Mágoas* (1919) da supracitada autora:

Florbela Espanca não precisa de comparações, que só poderiam enfraquecer o seu justo valor, e não as precisa, não deve tê-las porque tem a sua maneira especial, o seu sentido íntimo, que não deve renegar, nem sujeitar a formas, nem escolas. Florbela não verseja, retrata a sua Dor e a sua Dor é aquela que nos acompanha desde o despontar da existência, talvez a Saudade da outra Vida, daquela que condensa a Suprema Perfeição (BETTENCOURT, 1920, p.33).

Além do espólio, outras fontes foram consultadas. Dessa maneira notamos que um dos autores que se destacam quanto a criticidade da obra de Florbela Espanca é José Régio. Na 8ª edição de *Sonetos Completos*, Régio apresenta um prefácio sobre a obra de Florbela, no qual afirma que o texto da autora “é a expressão poética de um caso humano” (RÉGIO, 1950, p.7). Conforme o autor, a poesia de Espanca é “uma sorte de jogo de vaivém, se desenvolve assim entre a sinceridade artística e, digamos, a sinceridade humana de uma criação, ou do seu criador” (RÉGIO, 1950, p.10). O autor compara a obra de Florbela a Camões, quanto à sinceridade poética:

Ora sem dúvida, possuiu Florbela o dom, que caracteriza o artista literário, de manejar as palavras de modo a fazê-las render o máximo de sugestão, de insinuação, de expressão, de relevo. Os jogos vocabulares e paralelísticos tão queridos dos poetas portugueses (RÉGIO, 1950, p.10).

O crítico ressalta também a qualidade estética da produção de Florbela em *Sonetos*, a qual faz da “obra de Florbela uma obra de arte única na poesia feminina portuguesa” (RÉGIO, 1950,

p.12). Sobretudo, Régio afirma que é “impossível lermos Florbela Espanca sem reconhecermos sua inquietação, sua insatisfação, que se vão manifestando como irremediáveis” (RÉGIO, 1950, p.15). Segundo o autor, essa é a sensação de insaciabilidade de Florbela Espanca.

À medida que a pesquisa se estende, limitamos nossa busca para os apontamentos a respeito de *Diário do último ano*, obra que constitui o *corpus* deste trabalho. Dessa forma, prezamos pelos apontamentos de Natália Correia ao fazer o prefácio de *Diário do último ano* em sua 2ª edição. Assim como Régio, Correia afirma a insaciabilidade que há em Florbela. Segundo a autora, o diário apresenta-se como “sempre a pedir novos enganos à vida, a provocar o clímax da sua agonia para expirar, na morte, o hálito puro da profunda” (CORREIA, 1982, p.9). Adiante, a estudiosa ressalta a extravagância e a feminilidade de Espanca.

Conforme Correia, em *Diário do último ano* fica evidente na narrativa que “a teatralidade de Florbela é a interpretação genial deste mistério feminino que se desgarra na gesticulação dramática da poetisa” (CORREIA, 1982, p.11). Para a autora, um tema recorrente na obra de Florbela é a morte. O diário, neste caso, é a preparação para essa última cena em vida da personagem. Sendo assim, as anotações diárias tornam-se um monólogo com a solidão.

Conforme Gonçalves Piolti Cholant, no diário, Florbela transita entre o amor e a dor, salientando o tom feminino, bem como uma escrita de caráter narcisista. Cholant afirma que *Diário de último ano* apresenta ao leitor mais questionamentos do que respostas, pois, a “mesma Florbela que queria ser desvendada na primeira entrada do seu diário deixa-nos perplexos ao tentarmos entender esse registro tão cheio de sentido, porém tão esvaziado de contexto” (CHOLANT, 2012, p.101).

Discorreremos brevemente a respeito da fortuna crítica de Florbela Espanca, visto que a proposta deste estudo direciona-se principalmente

para a análise objetivada. Portanto, nos voltamos para as leituras, percebendo a relevância que há na fortuna crítica de Espanca, a qual foi recebida com mais críticas negativas em vida e positivas após sua morte. Portanto, nossa análise abrange três níveis concêntricos de leitura. O primeiro nível de leitura diz respeito ao *conteúdo manifesto* proposto por Jameson. Nessa etapa nos concentramos na compreensão da superficialidade que o texto evoca. De acordo com Jameson, a proposta é ler o texto em sua primeira instância. São olhares superficiais à narrativa e à estrutura apresentada.

Ao lermos *Diário do último ano*, primeiramente percebemos que o tempo da narrativa é datado, de 11 de janeiro a 2 de dezembro de 1930. O diário compõe 32 anotações ao total, tendo início em janeiro, com nove anotações/entradas; fevereiro, oito anotações; março e abril, respectivamente, duas anotações em cada; maio, julho e agosto apresentam apenas uma entrada; setembro há duas anotações; novembro, quatro; dezembro, uma anotação.

Percebemos, nesse primeiro momento de análise que a poetisa escreveu em todos os meses do ano, exceto em junho. Fator essencial na escrita da autora, visto que o mês faz referência à morte de seu irmão. Alguns pesquisadores pressupõem que há indícios na poesia de Florbela que apontam o relacionamento incestuoso entre ela e o irmão, porém, como não se trata de nosso objetivo neste estudo, apontamos o fato apenas para justificação do possível motivo da ausência de registros neste mês do ano.

As anotações no diário são curtas, fazendo com que a leitura do texto seja rápida e fluída, essa fluidez acontece devido ao tom poético predominantemente marcado no texto. A organização das sentenças, a profundidade e complexidade do texto revelam um diário escrito por uma poetisa. O tempo no diário é o presente, de forma que as características do gênero impedem

que as anotações se comprometam em manter relações de sentido narrativo umas com as outras.

No diário, Florbela relata algumas atividades de seu dia a dia, como o hábito de fumar, o passeio pela Boavista, as leituras dos livros. Contudo, o que ganha mais espaço na produção são as reflexões da autora sobre seus sentimentos, suas paixões, devaneios, percepções sobre a vida e principalmente, sobre a morte. A autora discorre pouco sobre particularidades de sua vida privada. A ênfase, neste caso, está nas reflexões do mais íntimo de sua alma.

Dessa maneira, constatamos que os textos mesclam-se, visto que o olhar da poetisa se sobressai sempre despretensiosamente. Para isso, Florbela utiliza-se constantemente da descrição. Tomamos como exemplo a anotação do dia 21 de janeiro de 1930, no qual o olhar de Florbela para uma cena corriqueira transforma-se em poesia:

— É um encanto agora, quase todos os dias renovado, o meu passeio pela Boavista. Como as árvores se enfeitam, espreitando a Primavera! Polvilham-se de ouro as mimosas, ao crepúsculo riem, num rido diabólico, as peônias, vestem as magnólias os seus vestidos de baile: brancos, rosados, cor de lilás... saias compridas quase a roçar o chão. Para aquela, pequenina, toda empertigada, em bicos de pés, no seu tapete de veludo, é talvez este Inverno o seu vestido de baile. Tão nova ainda! Uma rapariguinha de quinze anos. (ESPANCA, 2009, p.12)

Por tratar-se de um gênero de escrita pessoal, a autora, a qual é personagem e narradora, em todo tempo se expõe. Revela seus sentimentos em relação à compreensão de suas sensações. Muitas das vezes, em um fluxo de consciência, ela tece diálogos consigo mesma. Desdobra-se em outra, a qual chama de Bela. A respeito disso, Mitidieri aponta que “o discurso por excelência do *Diário do Último Ano* é o monólogo interior moderno, expressivo do pensamento e em estado bruto” (MITIDIERI, 1992, p.45). Nota-se o diálogo em diversos trechos da narrativa, como em uma anotação datada no dia 23 de janeiro: “Endiabrada

Bela! Estranha abelha que dos mais doces cálices só sabe extrair fel!” (ESPANCA, 2009, p.13).

Como mencionado anteriormente, a morte é o tema recorrente na obra. Em diversos trechos Florbela aborda a temática da morte. Lembra do irmão, o qual é chamado por Florbela de “meu amigo morto” (ESPANCA, 2009, p.10). Na anotação datada no dia 24 de janeiro, Florbela apresenta a análise que faz de *Diário de Maria Bashkistseff*, afirmando que o texto “é qualquer coisa de profundamente triste, de tragicamente humano” (ESPANCA, p.13), mais a diante Florbela afirma: “só não compreendo naquela grande alma o medo da morte. O espectro da morte, a ideia da morte, apavora-a, espanta-a, indigna-a. É a sua única fraqueza” (ESPANCA, 2009, p.14).

Neste momento de leitura percebemos a audácia e irreverência da escritora, a qual considera o medo da morte uma fraqueza. Florbela demonstra-se forte em relação a essa condição sobre a qual discorre frequentemente. Contudo, assim como há anotações que revelam a força e audácia de espírito em Florbela, há também anotações, como a de 28 de abril, a qual revela sua fraqueza física, na qual Florbela aponta o quanto está magra e sem energia. Dessa maneira, percebemos que à medida que a narrativa vai se estendendo, o texto torna-se mais denso com a recorrência da morte como tema principal.

De forma geral, *O Diário do último ano* de Florbela Espanca revela, nessa primeira leitura, a postura e personalidade da escritora. Notamos, portanto, que o texto é profundamente poético, em todos os sentidos. Concordamos, neste primeiro nível de leitura, com o que propõe Cholant, sobre os silenciamentos deixados na escrita. Conforme o autor, há um jogo de traição das palavras em *Diário do último ano*, “seus sentidos múltiplos, seus silêncios e rasuras não nos bastam para podermos achar o tal caminho por aquela que as escreveu” (CHOLANT, 2012, p.92).

Contudo, a partir da proposta jamesoniana, compreendemos que essas lacunas do texto são questionamentos, os quais não conseguem ser sanados neste primeiro nível. Essas lacunas dizem respeito à posição social e política de Florbela no diário analisado. Compreendemos neste momento que o leitor mais perspicaz, buscará entender as metáforas deixadas por Florbela no texto, ao mesmo tempo em que busca, perceberá a necessidade de um outro patamar de leitura, o qual poderá satisfazer suas indagações. Conforme Marcello Duarte Mathias, “o diário é uma ferida aberta que nenhuma cicatriz é capaz de sanar” (MATHIAS, 1997, p.46). Dessa forma, recorreremos a fatores exteriores à narrativa para que possamos compreender o texto como um todo, promovendo leituras que não pairam apenas na superficialidade da narrativa. Desse modo, adiante nos voltamos para o segundo nível de leitura proposto por Jameson.

É sabido que o universo feminino, tanto em Portugal como no mundo todo, foi por muito tempo, silenciado em todas as esferas da sociedade. Um silenciamento instaurado e preservado por paradigmas cristalizados. Consideradas inferiores aos homens, as mulheres tiveram seus direitos negados, mantidas ao restrito ambiente doméstico e limitadas em sua existência ao casamento, aos bons cuidados do lar, à maternidade e educação dos filhos. A desigualdade entre homens e mulheres predominou em todos os âmbitos dos meandros políticos/sociais, em situações quotidianas em termos econômicos, éticos e morais, bem como no universo intelectual como na literatura, no fazer científico e na própria construção histórica.

Esse arquétipo veio, aos poucos, se modificando como o resultado de muita luta e resistência por parte de uma minoria de mulheres, as quais têm uma história demarcada por constantes esforços para garantir o seu espaço na sociedade. A título de explanarmos um panorama geral da história

das mulheres em Portugal, compartilhamos das considerações da historiadora Irene Vaquinhas, a qual realiza um estudo da historiografia portuguesa a fim de investigar a história das mulheres nos séculos XIX e XX.

De acordo com a estudiosa, pesquisas historiográficas desse gênero são consideravelmente atuais, o que exige um maior estímulo para a “recriação” das fontes historiográficas, cuja ausência, laconismo ou subjetividade têm sido apontados como uma debilidade e um dos maiores obstáculos à realização de pesquisas científicas” (VAQUINHAS, 2002, p. 201). Ou seja, essa temática tem sido problematizada nos últimos anos e, nas palavras de Vaquinhas, remonta a 25 de abril de 1974, marco da democracia em Portugal ao mesmo tempo em que emergiu situações favoráveis para uma maior aceitação das mulheres no campo da História.

Como dissemos anteriormente, o século XIX foi demarcado pelo silenciamento feminino, “as regras da decência impunham a uma mulher conveniente o silêncio” (VAQUINHAS, 2002, p. 210). As ruas eram consideradas um espaço exclusivamente masculino, enquanto que as mulheres ocupavam os ambientes privados, de modo que as regras do bom comportamento orientavam para a manutenção no anonimato. Isso se deu de modo tão expressivo que obras escritas por mulheres chegaram a ser publicadas por pseudônimos masculinos.

De acordo com Vaquinhas, a representação da mulher e os discursos acerca desse tema constituem-se como vertentes que têm sido alvo de estudos de muitos historiadores, os quais:

Têm equacionado o lugar das mulheres na sociedade do seu tempo através da análise das normas e dos valores inculcados, das leituras recomendadas, dos modelos educativos propostos, dos locais de sociabilidade autorizados, ao mesmo tempo em que definem os estereótipos dominantes da “boa filha, futura boa esposa e mãe”. Ideais modelados pela instituição familiar, o agente educador e

socializador por excelência, o qual se manterá inalterável pelo menos até o primeiro terço do século XX (VAQUINHAS, 2002, p. 212).

A arraigada ideia de que as mulheres são essenciais no âmbito familiar e materno, enquanto que a esfera social é cabível aos homens, acompanhou a categoria feminina ao longo da história e, apesar de muita luta e quebra de paradigmas, em pleno século XXI ainda existem muitos mecanismos de restrição, ocultação e silenciamento da mulher, delineados por discursos conservadores, heranças machistas concretizadas socialmente que resultam em uma brutal desigualdade entre os gêneros.

Tendo em vista o contexto histórico demarcado pela discrepância de direitos do homem sobre a mulher e o percurso incógnito e obscuro trilhado pelo universo feminino ao longo dos séculos, nos voltamos para a questão do período em que Florbela Espanca escreveu sua obra, como um todo, e em específico o diário que é tema central deste estudo, em paralelo com o conteúdo expresso, o qual exprime/revela os mais íntimos sentimentos femininos, bem como paixões, incertezas, angústias, sonhos e tristezas, fatores pelos quais a crítica literária atribui à poetisa o mérito de mulher/escritora além do seu tempo.

Como já dissemos em outro momento, Florbela Espanca quebrou paradigmas enquanto mulher e cidadã da sociedade portuguesa. Do mesmo modo, o fez em sua obra como um todo. Em *Diário do Último Ano*, Espanca expressa os mais íntimos anseios de uma virgem próxima da morte. Numa escrita de si, o *eu* que reflete acerca das conjunturas da vida, o findar desta e a morte, por fim. Ao recordar o passado, Bela afirma:

Bela! Bela!, não vale recordar o passado! O que tu foste, só tu o sabes: uma corajosa rapariga, sempre sincera para consigo mesma. E consola-te que esse pouco já é alguma coisa. Lembra-te que detestas os truques e os prestidigitadores. Não há na tua vida um só ato covarde, pois não? Então que mais queres num mundo em que toda a gente o é... mais ou menos? Honesta sem preconceitos, amorosa

sem luxúria, casta sem formalidades, reta sem princípios e sempre viva, exaltantemente viva, miraculosamente viva, a palpitar de seiva quente como as flores selvagens da tua bárbara charneca (ESPANCA, 2009, p. 8-9).

Trata-se do recordar de alguém que viveu em sua plenitude, que ousou, com sua coragem, percorrer caminhos em busca da satisfação dos seus desejos. Pura de alma, apesar de não ter preconceitos, ou seja, manteve a sua índole e a sua personalidade mesmo não seguindo princípios e convicções instituídas socialmente. Ao questionar a importância de se ter inteligência quando não se pode ser feliz, Bela contesta até mesmo a filosofia do pai, o qual é um homem experiente:

Ó ingênuo pai de 60 anos, quando é que tu viste servir a inteligência para tornar feliz alguém? Quando, ó ingênuo pai de 60 anos?... Só se pode ser feliz simplificando, simplificando sempre, arrancando, diminuindo, esmagando, reduzindo (ESPANCA, 2009, p. 13).

Bela foi uma grande sonhadora, sonhou mais do que poderia, quis muito mais do que o convencional para uma mulher de sua época. Ao recordar o jardim da faculdade, a narradora/personagem afirma que no referido ambiente ecoou o sussurro da inquieta mocidade, “por onde vogaram, confiantes e exaltados, todos os sonhos das nossas almas que ainda acreditavam na glória, na riqueza, na vida e em maravilhosos destinos de lenda!” (ESPANCA, 2009, p. 11), fantasias que agora não passam de decepções.

Ao devanear acerca dos percursos da vida, num tom quase poético, Bela une a sua expressão, o dilema na voz da diarista Maria Bashkisteff, texto anteriormente citado no primeiro nível, o qual, de acordo com Bela, é algo “profundamente triste [...] tragicamente humano” (ESPANCA, 2009, p. 15):

Só não compreendo naquela grande alma o medo da morte. O espectro da morte, a ideia da morte, apavora-a, espanta-a, indigna-a. É a sua única fraqueza [...] Mas que imensa alma! Queria o amor, queria a glória, o poder, a riqueza, queria a felicidade, queria tudo.

E morreu com pouco mais de vinte anos gritando até ao fim que não queria morrer. Como não compreendeu ela que o único remate possível à cúpula do seu maravilhoso palácio de quimeras, de ambição de amor, de glória, poderia apenas ser realizado, por essas linhas serenas, puríssimas, indecifráveis, que só a morte pode esculpir? Os seus vinte anos não chegaram a compreender o alto e supremo símbolo das mãos que se cruzam, vazias dessa maré de sonhos, que a vida, em amargo fluxo e refluxo, leva e traz constantemente. Princesinha exilada, porque não soube tu murmurar, encolhendo os ombros, o teu doce e sereno *nitchivo* de eslava?... (ESPANCA, 2009, p. 14).

Trata-se de uma inspiração para os devaneios de Bela, a qual exprime emoções extremadas que vão da alegria de sonhar ao penar da solidão. A personagem revela a imensidão de paixões que povoam/povoaram a sua existência feminina, sem preocupar-se, como vimos, com princípios e conceitos de dignidade, padronizados pela sociedade portuguesa. E assim, Bela manifesta afirmação quanto a si mesma, do mesmo modo que demonstra lucidez da conjuntura em que se encontra, ou em outras palavras, é consciente das limitações que se aplicam, bem como de seu exceder a tudo e acerca disso se pergunta “que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se *Eu* sou *Eu*? Que me importa o desalento da vida se há a morte?” (ESPANCA, 2009, p. 17).

Nas reflexões do dia 16 de fevereiro, Bela afirma “ah, ser homem, e um belo impossível trancar-me um caminho por onde eu quisesse passar!” (ESPANCA, 2009, p. 16). Este fragmento apresenta muita clareza da diferença entre ser homem e ser mulher, dado que só pelo fato de ser homem, conseqüentemente, apresentam-se imensuráveis possibilidades que uma mulher não logra ter. E desse modo, Bela afirma a existência de padrões sociais e contesta-os de maneira que trata de questões como a maternidade, a religião por uma perspectiva que foge ao convencional, em suas ponderações ela diz que a vida é tão incoerente quanto um sonho “e quem sabe se realmente

estaremos a dormir e a sonhar e acabaremos por despertar um dia? Será esse despertar que os católicos chamam Deus” (ESPANCA, 2009, p. 18).

Todas essas reflexões nos encaminham para o terceiro nível de leitura proposto por Jameson, o qual corresponde à ideologia da forma, “da História agora concebida em seu mais amplo sentido de sequência de modos de produção e da sucessão e destino das várias formações sociais humanas” (JAMESON, 1992, p. 68). Com isso, nos voltamos para o modo como o texto é estruturado para exprimir sentidos às questões do qual trata, bem como os anseios femininos diante da sociedade do século XX.

Florbela Espanca escreveu muitos poemas e esse gênero compõe significativamente sua obra, no entanto, o último texto escrito pela poetisa foi o diário o qual analisamos e o fato de ser esse o formato é consideravelmente significativo para entender a obra como um todo, pois, de acordo com Jameson a ideologia de um artefato cultural se apresenta também em sua forma. Espanca inicia os seus registros da seguinte forma:

- Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas, o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões, impressões, ideias, maneiras de ver, de sentir todo o meu espírito paradoxal, talvez frívolo, talvez profundo (ESPANCA, 2009, p. 7).

Bela inicia o diário questionando para quem, de fato, ela escreve e em seguida ela mesma responde que é para ninguém, uma vez que se trata de reflexões que “os ouvidos dos outros não recolhem”, em outras palavras, questões que não dizem nada ou que simplesmente não interessa aos demais. A narradora/personagem também afirma que não pretende seguir nenhum estilo de redação, daí é possível notar que o que ela pretende exteriorizar o que sente registrando por escrito os seus devaneios sem se preocupar com leitores ou procedimentos estéticos.

Sendo essa a finalidade de Bela, nada mais adequado do que o diário para ser o amigo confidente da virgem próxima da morte que deseja expressar suas impressões do mundo, as tristezas, as saudades, a melancolia que lhe invade a alma. De acordo com Mathias, o diário é o resultado da perspectiva singular do seu autor, pois, é desse olhar individual que decorre toda a narrativa, “vocações que é assim, ao mesmo tempo, refúgio e afirmação pessoal” (MATHIAS, 1997, p. 41).

Ao chegar ao final da vida, Bela preenche o seu tempo escrevendo em monólogo, numa tentativa de autorreconhecimento, e ao fazer isso, ela compreende que jamais consumará esse desejo:

Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que julguei ser. E realize o que eu não pude: *conhecer-me* (FLORBELA, 2009, p. 8).

Há muito de solidão no diarista, que ao se sentir distante do mundo que o cerca, aprisiona-se em si mesmo e se dedica a escrever em legítima defesa contra tudo o que lhe faz sentir-se excluído e inadaptado do convívio com outros, nas palavras de Philippe Lejeune (2008), o diário é um alicerce para o seu autor quando este passa por provações, atuando como uma esperança de sobrevivência, “o diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real” (LEJEUNE, 2008, p. 262), exatamente como Bela descreve se sentir, “está escrito que hei de ser sempre a mesma eterna isolada... Por quê?” (ESPANCA, 2009, p.22).

Assim, dizemos que o diário foi o confidente, que recebeu os últimos desabafos, as reflexões, as recordações dos momentos intensos de alegrias e tristezas, impressões que foram registradas conforme a memória o quis e, por isso, sem

normas, o que também é característico do diário íntimo por se tratar de uma narrativa fragmentada que não obedece a uma linearidade. Escreve-se como a vida é, uma maneira única e a seu modo de se afirmar no mundo, “o eu aparece como o único valor absoluto e a intimidade como único refúgio. E a afirmação individual torna-se mesmo, contestação social, forma de marginalidade e associalidade” (ROCHA, 1992, p. 17), o que nos permite afirmar que o diário torna-se o gênero ideal para retratar o conteúdo manifesto na obra, uma vez que permite que as palavras jorrem soltas, ao mesmo tempo que recebe todos os desabafos de uma inadaptada ao mundo, de uma mulher solitária e transcendente ao seu tempo.

Considerações Finais

Consideramos neste trabalho a importância de pesquisas voltadas para escritas femininas, entendendo a necessidade de conhecer e descobrir o que há no universo da literatura do gênero. Reconhecemos a valorização de escritoras mulheres que apresentam ao mundo sua arte, sua maneira de ver o mundo. Para tanto, selecionamos uma obra da escritora portuguesa Florbela Espanca, a qual apresentou irreverência e audácia em suas produções.

Ao realizar a leitura dos três níveis, foi possível verificar que se trata do relato de Bela, a qual vive seus últimos dias a refletir acerca do passado num tom significativamente poético. Em seguida, detectamos no segundo nível os grandes discursos da História, reescritos nas palavras da personagem, quando ela trata da sua experiência como mulher inserida no contexto social de Portugal do século XIX e ao fazer isso, ela abarca toda uma temática, muito debatida nos dias de hoje, que é a questão da mulher e os paradigmas instaurados pelas instituições sociais, os quais nortearam por muito tempo os comportamentos femininos.

Bela subverteu e questionou tais práxis em seu diário e, por isso, narra uma vida de exclusão/marginalização. O seu viés narrativo possui um ângulo único e diferenciado para a época em que viveu e escreveu sua obra e nessa solidão ela escreve em forma de diário que, como vimos, é um gênero fragmentado que decorre da perspectiva do seu autor, tal como este deseja. Assim, concluímos que a ideologia da obra apresenta-se, de antemão, na forma como essa é organizada, ou seja, um diário íntimo.

Esperamos, com este trabalho, poder contribuir tanto para a fortuna crítica da escritora/poetisa Florbela Espanca, de modo a alargar os horizontes de investigação acerca de sua obra, como também somar com as discussões acerca da representação da mulher na sociedade, de um modo geral, e as lutas travadas por estas nas mais diversas esferas sociais em prol de quebrar paradigmas e preconceitos impostos ao universo feminino, em busca da liberdade e igualdade social.

Referências bibliográficas

BETTENCOURT, Gastão de. *Livro de mágoas*. 1920. Lisboa. In PORTUGAL. Biblioteca Nacional Espólio Florbela Espanca [Documento Electrónico / Biblioteca Nacional. - Dados textuais. - Lisboa: B.N., cop. 2003

CHOLANT, GonçaloPiolti. O Diário do Último ano de Florbela Espanca e a escrita feminina: a feminina desmemória. In: VILELA, Ana Luísa; FRANCO, António Cândido; SILVA, Fabio Mario da; DAL FARRA, Maria Lúcia. (Org.). *Florbela Espanca O Espólio de um Mito*. 1. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2012, v. 1, p. 91-102.

CORREIA, Natália. Prefácio – A Diva. In: ESPANCA, Florbela. *Diário do Último Ano*. 2. ed. Lisboa: Bertrand, 1982. p.9-30.

ESPANCA, Florbela. *Diário do Último Ano*. Porto Alegre: Pradense, 2009.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político. A narrativa como ato socialmente simbólico*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MITIDIERI, André Luis. Pacto autobiográfico no Diário do Último Ano, de Florbela Espanca. *Letras de Hoje*. Porto Alegre (RS), v. 33, n.1, p. 43-53, 1998.

RÉGIO, José. Prefácio a Florbela Espanca. In: ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. Lisboa, Bertrand, 1994. p.11-30

ROCHA, Clara. A explosão intimista na época contemporânea. In: *As máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1992.

SOUZA, J. Fernando de. A nossa estante: uma legião de poetisas 1923. Lisboa. In: PORTUGAL. Biblioteca Nacional Espólio Florbela Espanca [Documento Electrónico/ Biblioteca Nacional. - Dados textuais]. - Lisboa: B.N., cop. 2003.

VAQUINHAS, Irene. Linhas de Investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. *Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA*. Porto, III Série, vol. 3, 2002, p. 201-221. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2287.pdf>. Acesso em 07 Abr. 2017.

Submissão: junho de 2017

Aceito: março de 2018